

São vários os termos utilizados hoje em dia para caracterizar o ensino de língua inglesa, assim como para denominar a maneira como essa língua é utilizada ao redor do mundo a partir de finalidades diversas. Fala-se, por exemplo, em inglês como língua estrangeira, segunda língua, língua internacional, língua franca, mundial, global, além de terminologias consolidadas como *World Englishes*, por exemplo, e outras ainda não tão difundidas como *world English*, língua multinacional, transnacional, etc., demonstrando claramente que a expansão desta língua pelo mundo é um fenômeno cada vez mais complexo e que está longe de ser concebido a partir de visões totalmente convergentes e livres de controvérsias.

Considerando o grande debate em torno de tais denominações e da falta de consenso, no meio acadêmico, em relação a todas elas e, possivelmente, a outras que podem sempre estar a caminho, é que decidimos organizar este dossiê para a seção *VERTENTES & INTERFACES II: Estudos Linguísticos e Aplicados*, deste número da *Fólio – Revista de Letras*, com objetivo de abordar um desses termos, “Inglês como Língua Franca” (ILF), a partir do entendimento de pesquisadores e teóricos brasileiros. Para autores como Cogo (2015), Jenkins (2015), Seidlhofer (2011), entre muitos outros, ILF é hoje um campo de pesquisa consolidado, que congrega uma gama importante de pesquisadores de várias partes do planeta e cujos desenvolvimentos e achados já vêm gerando contribuições importantes para o ensino de língua inglesa (ELI), em especial no tocante ao rompimento com certas práticas que, já há algum tempo, não respondem com eficiência às demandas das salas de aulas de inglês deste mundo globalizado.

Segundo Cogo (2015), o interesse pelo fenômeno Inglês como Língua Franca (ILF) tem crescido de forma bastante significativa nos últimos anos, e como resultado de tal processo, ILF tornou-se um campo de pesquisa produtivo que encontrou seu lugar em grandes áreas dos estudos da linguagem como, por exemplo, a linguística aplicada e a sociolinguística. Seidlhofer (2011) define ILF como qualquer uso da língua inglesa entre falantes de diferentes línguas maternas e diferentes backgrounds linguístico-culturais. Sob tal perspectiva, diferentemente da antiga concepção do termo “língua franca”, as interações em ILF incluem o falante nativo que “pode usar ILF como um recurso adicional para comunicação intercultural” (COGO, 2015, p. 2).

Com o avanço do inglês mundo afora, faz-se interessante salientar que suas consequências, nos mais diversos níveis, passam a fazer parte da agenda investigativa de muitos pesquisadores oriundos das mais diversas regiões, uma vez que seus contextos de atuação tornam-se, com maior frequência, espaços de produção de conhecimento local que, ao ser disseminado de forma mais ampla, privilegia a discussão e reflexão sobre os problemas e desafios específicos de cada realidade. Tal prática, aos poucos, se concretiza também no Brasil. É exatamente com esta intenção de disseminar saberes locais relacionados ao ILF que nos engajamos em preparar este dossiê dentro deste número da revista *Fólio*. Sendo assim, para debater a temática a partir de flancos variados, tivemos a honra de contar com a participação professores, graduandos e pós-graduandos que, de certa forma, têm refletido e desenvolvido pesquisas sobre o ILF nos seus contextos de atuação.

Nossa interlocução é inaugurada pelo artigo “Reflexões sobre a perspectiva do ILF na prática do ensino de LI: conversando com professores-pesquisadores”, de Daniela Moreira Duarte e Keila Mendes dos Santos, ambas docentes da Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Caetité (BA). Contando com a participação de professores-pesquisadores da área como informantes, as pesquisadoras descobriram, por meio de um questionário com questões abertas e discursivas, que esses docentes, embora tenham conhecimento e consciência da descentralização da figura do falante nativo e da importância de exporem seus alunos a outras variantes do inglês, as modalidades britânica e americana

ainda são as mais utilizadas nas suas salas de aula. Tal prática, segundo as pesquisadoras, se deve à ausência de conteúdos sob a perspectiva do ILF nos livros didáticos utilizados, assim como à necessidade de adaptarem-se as aulas às exigências de exames como o ENEM, que ainda têm como foco da avaliação as variantes padrão de maior prestígio.

Em “Inglês como língua franca (ILF) e *Content Language Integrated Learning* (CLIL): uma combinação importante para a aprendizagem de Língua Estrangeira (LE)”, Dimas Silva Luz, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista (BA), e seu ex-orientador, Diógenes Cândido de Lima, professor pleno da mesma instituição, discutem o uso dos diferentes “íngleses” falados ao redor do mundo, realçando a importância da inserção do ILF em turmas que utilizam a metodologia CLIL. Os autores advogam a necessidade de se preparar os alunos de língua inglesa para que compreendam a pluralidade de falares dessa língua e discutem depoimentos de alunos que foram expostos à metodologia CLIL, atestando a importância dessa modalidade de ensino para a compreensão de mundo, de respeito ao outro e às diversidades linguísticas.

Com maior enfoque na revisão da literatura, o texto “Inglês como língua global: reflexões sobre o ensino/aprendizagem”, de autoria de Giêdra Ferreira da Cruz, docente da Universidade do Sudoeste do Estado da Bahia (UESB), Vitória da Conquista (BA), discute o porquê de os estudantes brasileiros preferirem o inglês britânico e o americano, tidas amplamente como variantes hegemônicas. Cruz, após fazer uma rápida contextualização sobre a expansão da língua inglesa no mundo, do seu uso planetário à sua valorização excessiva, chama a atenção para um trabalho da língua inglesa, na perspectiva de língua franca, propondo um repensar sobre a maneira como professores e alunos encaram o uso das novas modalidades dessa língua.

John Robert Schmitz, professor da Unicamp, Campinas (SP), com o instigante texto intitulado “Um mundo globalizado, híbrido, pós-colonizado e pós-moderno: reflexões sobre o inglês na atualidade”, faz uma reflexão sobre o inglês na atualidade, analisando termos como *globalização*, *hibridização*, *linguicismo*, *pós-colonialismo*, *pós-modernismo*, den-

tre outros. Após fazer um apanhado histórico sobre a expansão da língua inglesa no mundo, Schmitz debate a importância de uma análise mais profunda em relação ao futuro dessa língua, do seu ensino e do processo de formação de professor de idiomas, tanto no Brasil, quanto nos países pertencentes ao chamado “círculo em expansão” (KACHRU, 1985). No que diz respeito à utilização do ILF nas escolas, o autor argumenta que esta deve ocorrer de forma *bottom up* e não *top down*. Isso, por conta, entre outras coisas, da resistência e dos obstáculos apresentados pelos órgãos educacionais brasileiros.

O brasileiro radicado há muitos anos em Portugal, e hoje Professor e pesquisador da Universidade de Évora, Luis Sérgio Pinto Guerra, nos brinda com uma interessante reflexão no seu texto intitulado “Some common fallacies about learning and teaching English as a lingua franca”. A partir de sua larga experiência como estudioso sobre o fenômeno de expansão mundial do inglês, o autor argumenta que, após décadas, pode-se dizer que o professor regular está mais familiarizado como os diversos termos que caracterizam a condição atual do inglês, sendo o ILF, na sua visão, o preferido para configurar o uso global desta língua no século XXI. Com base nas falácias de B. B. Kachru (1992), Guerra identifica e discute treze equívocos presentes no ensino de língua inglesa no que diz respeito a variedades e culturas de língua inglesa. Sua sugestão principal é que substituamos a abordagem etno/linguacêntrica do inglês por uma perspectiva de ILF que, entre outros aspectos, reconheça a diversidade de situações comunicativas, envolvendo diferentes culturas e variedades nativas e não nativas do idioma global.

Logo em seguida, Patrícia Argôlo Rosa, da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (BA), com seu artigo “O inglês como língua franca na visão dos professores em exercício da educação básica”, nos apresenta resultados de uma pesquisa conduzida com professores de inglês da Educação Básica, egressos do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), da universidade em que atua, sobre suas concepções a respeito da terminologia ILF. Os resultados da investigação demonstraram que mais de 50% dos professores pesquisados não têm familiaridade com o termo em questão. Com isso, a pesquisadora sugere que sejam feitas discussões mais constantes sobre o Inglês como

Língua Franca nos cursos de formação de professor, bem como nos de educação continuada, a fim de que esses educadores linguísticos (futuros e em plena atuação docente) possam refletir sobre a importância de se ensinar esta língua a partir de uma perspectiva mais alinhada com o contexto atual.

Já Polyanna Castro Rocha Alves, professora de língua inglesa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, Caetitê (BA), e seu ex-orientador de mestrado, Sávio Siqueira, da Universidade Federal Bahia, assinam o artigo “Inglês como língua franca: da cena do mundo para a cena da sala de aula”, tendo como objetivos principais ressaltar a relevância do inglês na atual configuração global, salientar os princípios orientadores do ILF e, em última instância, acentuar as implicações pedagógicas da visão de inglês que inclui o mundo, chamando, então, a atenção para importância de compreendermos os potenciais desafios e as novas prioridades que incorrem sobre o ensino de LI nesses tempos pós-modernos.

Por fim, Sávio Siqueira, da Universidade Federal da Bahia, une-se, mais uma vez, a uma orientanda, desta vez, de doutorado, Tatiany Pertel Sabaini Dalben, da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (BA), e juntos trazem o texto “A prática da tradução nos processos de ensino/aprendizagem de ILE e ILF: definições, diferenças e possíveis consequências” que, de forma pioneira, pode-se dizer, busca unir fios muitas vezes separados nas aulas de língua estrangeira (LE), as quais, tradicionalmente, têm relegado à tradução um papel menor em tal processo. Além de problematizar o uso de duas expressões que representam perspectivas bem diferentes acerca do ensino e aprendizagem do inglês, Inglês como Língua Estrangeira (ILE) e o Inglês como Língua Franca (ILF), os autores suscitam uma compreensão das consequências que o uso da tradução interlingual pode trazer para o ensino e aprendizagem de inglês sob ambas orientações (ILE e ILF), recorrendo à perspectiva desconstrutivista para relacionar os processos de tradução ao ILF, como prática de (re)criação e ‘originalidade’ e, por outro lado, à visão logocêntrica da tradução como cópia do original relacionada à busca pelo desempenho idêntico ao do falante nativo, dentro da perspectiva do ILE. A conclusão de Siqueira e Dalben é que, no

mundo globalizado desses tempos contemporâneos, tanto o ILF quanto a tradução são consideradas habilidades básicas para a sobrevivência. Desta forma, complementam os autores, tais habilidades devem ser inseridas de forma sistemática nos contextos escolares e problematizadas com os alunos para que estes compreendam que o ILE pode já não suprir as necessidades dos usuários não-nativos de inglês que precisam, através dele, se comunicar com mundo.

Em suma, como aponta Siqueira (2008, p. 338), “o inglês está aí, nas ruas, na mídia, trafegando freneticamente pelas infovias da internet, bombardeando nossos olhos, nossos ouvidos, nossas vidas. Nas circunstâncias atuais, ignorá-lo é um ato praticamente inconcebível”. Ou seja, um fenômeno desta magnitude não tem como não ser questionado por diversos prismas, a partir dos mais diversos contextos. Como é de praxe na ciência, paradigmas envelhecem, outros novos emergem, não necessariamente para negá-los ou apagá-los, mas, principalmente, para demonstrar que a dinâmica da vida não tem como ser retida em fronteiras não transponíveis, sem que seja permanentemente questionada e sem que passe o tempo inteiro por um escrutínio crítico. Neste pormenor, o emergente paradigma do ILF, no nosso campo de atuação, abre portas e janelas para as nossas investidas e propostas de reflexão e ação. Acreditamos que esta pequena iniciativa de reunir esses autores do Brasil para falar de ILF a partir de uma epistemologia do Sul, como preconiza Sousa Santos (2010), orienta-se por tal premissa. Nosso desejo, portanto, é que essas vozes se multipliquem e que se misturem a outras tantas vozes globais para que possamos, finalmente, compartilhar nossas experiências e nossos saberes, dissolvendo, de forma contundente, a ideia ultrapassada e perversa de Norte-Sul, centro-periferia, provedor-receptor, etc. O mundo globalizado, apesar de tudo, tem nos legado tal prerrogativa. Boa leitura e boas reflexões a todos.

*Diógenes Cândido de Lima – Uesb*

*Sávio Siqueira - Ufba*

## Referências

COGO, A. English as a lingua franca: descriptions, domains and applications. In: COGO, A.; BOWLES, H. (Eds.) *International perspectives on English as a lingua franca: pedagogical insights*. New York: Palgrave Macmillan, 2015, p. 1-12.

JENKINS, J. Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca. *Englishes in Practice*, Vol. 2, No. 3, p. 49-85, 2015.

KACHRU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. *English in the world: teaching and learning and literatures*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985, p.11-30.

KACHRU, B. B. Teaching World Englishes. In: KACHRU, B. B. (Ed.). *The other tongue: English across cultures*. Urbana: University of Illinois Press, 1992, p. 355-366.

SEIDLHOFER, B. *Understanding English as a lingua franca*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SIQUEIRA, D. S. P. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2008.

SOUSA SANTOS, B. de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.